

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n29.18>

“O nomadismo da raça vermelha”: migração e atavismo na obra *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo

*“The nomadism of the red race”: migration and atavism in the work *O Paroara*, by Rodolfo Teófilo*

Erika Gonçalves de Mendonça*

Manoel Carlos Fonseca de Alencar**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o modo como Rodolfo Teófilo, um escritor cearense, se apropriou da teoria racial, elaborada no contexto europeu e difundida no campo intelectual brasileiro do final do século XIX, para construir uma visão sobre o povo cearense a partir de seu romance *O Paroara* (1899). Buscamos analisar o modo como esse literato recorreu ao determinismo racial, como principal aporte teórico, para explicar um fenômeno de grande impacto social sobre aquele povo: a migração. A análise do texto parte de uma perspectiva diacrônica em relação ao momento de sua produção (REUTER, 2016), articulando o intrínseco da obra (conteúdo) ao extrínseco (condições de tempo e lugar).

Palavras-chave

Rodolfo Teófilo. Migração. Determinismo racial.

Abstract

This work aims to analyze how Rodolfo Teófilo, a writer from Ceará, appropriated a racial theory, developed in the European context and disseminated in the Brazilian intellectual field in the end of the 19th century, to build a vision of the people of Ceará through his novel *O Paroara* (1899). We seek to analyze the way in which this scholar resorted to racial determinism, as his main theoretical contribution, to explain a phenomenon of great social impact on that people: migration. The analysis of the text starts from a diachronic perspective in relation to the moment of its production (REUTER, 2016), articulating the intrinsic part of the work (content) with the extrinsic one (conditions of time and place).

Keywords

Rodolfo Teófilo. Migration. Racial determinism.

* Universidade Estadual do Ceará (UECE).

** Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Introdução

Rodolfo Teófilo (1863-1932) ficou conhecido como romancista a partir de seu romance *A Fome* (1890), que narra um conjunto de tragédias provocadas pela seca de 1877-79. Porém, no decorrer da década de 1890, ele intensificou sua inserção no campo intelectual mediante a publicação de outros romances: *Os Brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897) e *O Paroara* (1899). A publicação desses romances parece convergir para o propósito desse literato em se consolidar efetivamente no campo das letras cearenses, dando visibilidade ao que ele mesmo chamou de “literatura nativista” (TEÓFILO, 1924). São obras encarregadas de falar sobre o Ceará, dos valores e do modo de viver desse povo e de seus problemas, tais como as estiagens, as migrações delas decorrentes e o banditismo rural. A sua literatura nasceu da observação dessa terra, com suas peculiaridades e seus contrastes sociais. Sem reserva alguma, podemos afirmar que a seca é a principal temática de sua produção escrita. Desses quatro romances aqui citados, apenas *Maria Rita* não apresenta a temática da seca como fundamental na construção de seu enredo.

Neste trabalho, de forma específica, buscamos perceber como a migração do povo cearense para a Amazônia foi abordada por Rodolfo Teófilo na obra *O Paroara*, sem desvinculá-la da problemática da seca. Analisamos como esse autor foi capaz de atribuir explicações darwinistas e deterministas para o fenômeno da migração. É possível perceber que essas teorias foram apropriadas de uma forma bastante singular por Rodolfo Teófilo para interpretar a realidade local de sua província. Ressalta-se que, ao tratar de fenômenos como a migração e a seca, o autor estabeleceu diferentes comportamentos para os sertanejos figurados em suas obras, tendo por base, principalmente, o pertencimento racial desses personagens. Porém, a questão racial foi mesclada a vários outros elementos, como a atuação do meio físico e social, o que torna sua obra ainda mais complexa.

O Paroara, obra selecionada para nossas análises, corresponde ao último romance do “ciclo das secas” publicado por Rodolfo Teófilo. Em termos estilísticos, essa obra é considerada pela crítica o mais bem elaborado romance de Rodolfo Teófilo.¹ Mesmo abordando uma temática espinhosa, a sua escrita não fez apelo a

¹ Charles Pinheiro entende que o aprimoramento estético dessa obra consiste no abandono dos termos e descrições excessivamente cientificistas, para a escrita de uma narrativa com uma linguagem mais simples e objetiva, tendendo mais para o que esse pesquisador chama de regionalismo (PINHEIRO, 2011).

cenas grotescas e de animalização dos famintos das secas, diferentemente do que ocorreu em *A Fome* e em *Os Brilhantes*. *O Paroara* também se diferencia destes outros dois romances por apresentar como personagem central um sertanejo pobre e mestiço, João das Neves, enquanto que esses outros possuem como protagonistas fazendeiros brancos, o que revela uma diferenciação no tratamento desses tipos raciais.

Em *O Paroara* fica nítido o interesse do autor em mostrar que a maior parte do povo cearense era formada por caboclos (resultado da mistura do branco com o indígena). Nessa perspectiva, destaca-se também que tal miscigenação não foi capaz de apagar os traços temperamentais dos nativos, os quais eram herdados por atavismos pelos cearenses e se manifestavam aos estímulos dos meios físicos e sociais específicos daquele território. Tais questões serão discutidas detalhadamente através da análise de trechos da obra.

Ao abordar a seca, Rodolfo Teófilo estava mais preocupado em mostrar como esse fator climático era capaz de interferir no modo como os diferentes tipos raciais manifestavam seus temperamentos e aptidões de sobrevivência. Para esse autor, foram os estímulos do meio que fizeram despertar, no cearense, características temperamentais e comportamentos pertencentes às raças que lhe deram origem e que estavam em estado latente. Assim, a forma como os seus diferentes personagens reagiram diante dessas situações revela a forte presença da lei do atavismo em sua escrita.

O determinismo racial ou teoria das raças foi uma das vertentes do darwinismo social que mais teve adeptos entre a intelectualidade brasileira. De acordo com Lilia Schwarcz (1993, p. 78), esse determinismo partia de três premissas básicas. A primeira era a crença de que havia uma grande distância entre as raças, tornando condenável a miscigenação. A segunda era a afirmação da continuidade entre caracteres físicos e morais. Assim, acreditava-se que era possível definir o comportamento do indivíduo por meio da análise de suas características físicas. E a terceira era a predominância da raça sobre o indivíduo. Desse modo, o sujeito era destituído de sua individualidade e passava a ser visto apenas como pertencente a uma raça, com características definidas e determinantes. Indivíduos de uma mesma raça já nasciam com certos atributos, os quais eram transmitidos hereditariamente.

Ressaltamos que a noção de raça, como instrumento de análise, foi produzida por pensadores europeus, sob uma perspectiva eurocêntrica, para estabelecer

critérios de hierarquização social. Nessa perspectiva, a raça branca era vista como superior às demais do planeta, enquanto as raças não brancas eram vistas como imperfeitas. Por meio de sua visão organicista, a ciência europeia oitocentista compreendia o homem como parte da natureza. Com a criação de métodos para classificar e categorizar o mundo natural, o ser humano, sendo parte dessa natureza, passou a ser analisado sob a ótica das técnicas utilizadas nas ciências naturais. A teoria das raças, por sua vez, se utilizou desses métodos para “naturalizar as diferenças, o que representou, nesse momento, o estabelecimento de correlações rígidas entre características físicas e atributos morais” (SCHWARCZ, 1993, p. 85).

Foi a partir dessas concepções que se tornou frequente o estudo dos temperamentos na literatura naturalista, algo bem marcante na escrita de Rodolfo Teófilo e na construção de seus personagens. Como ressaltou Flora Süssekind (1984, p. 120), não é difícil perceber que no Naturalismo brasileiro do século XIX prevaleceu o estudo do temperamento humano. E esse temperamento, por sua vez, obedecia às regras da hereditariedade. Era a herança genética que explicava as variadas formas de manifestação de um organismo. Através de seus conhecimentos antropométricos, Rodolfo Teófilo estabeleceu uma relação entre as características fisionômicas e faciais de seus personagens com a ideia de pertencimento racial e, assim, procurou explicar como os elementos físicos e psíquicos que remetiam a determinadas raças se manifestavam em indivíduos tão miscigenados.

A miscigenação da população brasileira era uma das questões mais discutidas no campo intelectual brasileiro no final do século XIX, pois a aplicação direta do darwinismo social implicaria na condenação dos grupos raciais miscigenados. Porém, a ausência de um conceito unívoco e fechado sobre raça possibilitou que se fizessem diferentes usos dessa concepção, ensejando a possibilidade de se planejar um futuro ao país sem condenar o mestiço. As interpretações elaboradas pelos intelectuais brasileiros foram as mais variadas possíveis. Alguns mais otimistas defendiam que a mestiçagem levaria à formação de uma nova raça mestiça. Para Rodolfo Teófilo, a mestiçagem ocorrida no Ceará levou à formação de uma população predominantemente cabocla.

Seca, migração e denúncia social

João das Neves crescera ouvindo relatar as migrações de seus antepassados. Criança ainda, acompanhara o pai à Fortaleza na seca de 1877. O avô e o bisavô sabia que também tinham feito parte do êxodo de famintos nos tempos de fome, que vêm de anos em anos deslocar a população sertaneja. Contavam até que um de seus ascendentes, em uma destas migrações, embarcara para a Amazônia e que vivia lá muito rico e feliz, dono de grandes seringais. (TEÓFILO, 1974, p. 100-101)

A obra ficcional *O Paroara* narra a história do cearense João das Neves e seus antepassados. Uma história marcada por constantes secas e migrações. Assim também foi a história de centenas de sertanejos pobres que viam na migração para a Amazônia uma possibilidade de melhorar de vida. A seca de 1877-79 é um marco importante na história da migração de cearenses em direção à Amazônia, pois, a ocorrência desse fenômeno, em um momento de desestruturação do modelo paternalista da economia agropastoril, favoreceu a saída de muitos sertanejos pobres do campo (NEVES, 2000, p. 47). Além disso, a valorização da borracha, ao longo do século XIX, colocou a Amazônia como um local de atração para os migrantes. Assim, podemos afirmar que, no final do século XIX, existiu uma estreita relação entre as secas e as migrações para a Amazônia, embora estas não fossem ocasionadas exclusivamente por aquelas.

A história de João das Neves nos chega permeada por um forte teor de denúncia social sobre as condições de pobreza em que viviam muitos sertanejos, os quais, nos períodos de regularidade climática, já conviviam com diversos tipos de privações. Mesmo depois de vinte anos da ocorrência da seca de 1877, João das Neves ainda guardava com amargura a lembrança da migração que fizera com sua família do sertão fosse para a capital cearense e o embarque forçado de seus pais e irmãos para a Amazônia. Ao findar a estiagem, ele se juntou ao préstito de retirantes que retornavam a sua terra e passou a trabalhar para um fazendeiro abastado. Quando chegou à fase adulta, João das Neves decidiu tomar conta da pequena propriedade de sua família. Mas, para isso, era preciso primeiro arranjar um casamento, ter uma companheira saudável e bem disposta que pudesse ajudá-lo na lida com o roçado. João das Neves entendia que “a mulher do pobre devia ser como o quartau dele, forte e manteúda” (TEÓFILO, 1974, p. 46). Assim, usando como critério a robustez física, ao invés da beleza, João das Neves escolheu Chiquinha para ser sua companheira.

“Os noivos fortes e sadios em plena juventude, obedeciam ao seu temperamento excitado pelo clima e sozinhos naquele casarão como o primeiro par no Éden gozaram à farta todas as delícias do amor” (TEÓFILO, 1974, p. 66). Vejamos que esta citação revela uma visão idílica sobre a vida no campo, mas também está impregnada pelo determinismo climático. E baseado nesse mesmo determinismo, o narrador afirmou que as mulheres cearenses eram mais prolíferas.² Desse modo, Chiquinha, “prolífera como toda mulher cearense tinha um filho todos os anos” (TEÓFILO, 1974, p. 67). Porém, a vida dessa família pobre não se encerrava a uma visão bucólica sobre o sertão:

A família crescia anualmente e ela e o marido, cada qual mais trabalhador, não conseguiam fazer economia, acumular reservas para o futuro. A pequena lavoura lhes dava para viver sem grande abastança. Tinham quatro filhos e duzentos passos de roçado, embora as plantas vingassem bem quase não chegava para comer de um ano para outro. A fartura era só enquanto havia legume verde, logo que se fazia a colheita ficavam à ração. (TEÓFILO, 1974, p. 68)

A partir desse trecho podemos perceber que para os sertanejos pobres, que dependiam apenas da agricultura familiar para sobreviver, mesmo em períodos de regularidade climática e trabalhando em suas próprias terras, a colheita não era suficiente para viver com prodigalidade o ano todo, e, menos ainda, para se precaver dos períodos de estiagem. Esse trecho se contrapõe à concepção, apresentada também nessa obra, de que o cearense não se preparava para as secas porque era imprevidente. Pelo contrário, “João das Neves não media sacrifícios para obter um fundo de reserva que o garantisse de um ano crítico” (TEÓFILO, 1974, p. 68).

A solução encontrada era abrir “uma lavra de quinhentos passos”. “Se pegassem um ano bom estariam felizes” (TEÓFILO, 1974, p. 68). A partir dessa frase, tomamos consciência da vulnerabilidade em que vivia o pequeno agricultor do sertão nordestino. Após o preparo do solo e o plantio, a vida de João das Neves passou a ser tomada por momentos de angústias e expectativas em relação à plantação, a qual foi dizimada, primeiro pela peste de lagartas e, após o replantio, pela falta de chuvas. Quando a seca de 1898 foi decretada, sem recursos materiais e sem crédito na praça, a alternativa de sobrevivência colocada para aquele sertanejo foi a migração para a Amazônia.

² Neste ponto, atentamos para o fato de que, enquanto alguns teóricos europeus, como Paul Broca, defendiam que a mistura entre diferentes raças produziria sujeitos estéreis, para Rodolfo Teófilo as mulheres cearenses, em sua maioria cabocla, eram bastante férteis.

Momento decisivo na trajetória do protagonista foi o seu encontro com um conterrâneo, José Simão, que havia se tornado paroara³ e retornado ao Ceará com o propósito de agenciar seringueiros. Ao destacar a atuação desse agenciador no convencimento de João das Neves, a narrativa colocou em evidência a construção de uma imagem sobre Amazônia que se espalhou pelo Ceará e que, sem dúvida, influenciou a decisão de muitos cearenses. Tal imagem foi construída a partir da associação da Amazônia ao Eldorado, um lugar abençoado por riquezas naturais, onde não era preciso trabalhar para conseguir alimento. Difundiu-se também a ideia de fácil enriquecimento com o negócio da borracha. Para Rodolfo Teófilo, essa era uma propaganda enganosa usada para aliciar aqueles que fossem mais ingênuos ou ambiciosos. Utilizando-se da perspectiva do narrador, o romancista apresentou uma realidade vivenciada pelos paroaras na Amazônia que era bem diferente daquela relatada por José Simão:

As horríveis tragédias representadas diariamente à sombra daquela floresta secular, as lutas de morte entre o cearense e o indígena, as doenças de toda casta, tendo por causa o paludismo, as ofensas à liberdade em uma região afastada dos centros civilizados, onde a lei é a vontade do forte, as pragas de toda natureza a flagelar o seringueiro dia e noite, José Simão que tudo isso havia sofrido, calava, na esperança de obter pessoal que o acompanhasse. (TEÓFILO, 1974, p. 108)

Não é exagero afirmar que essa obra serviu de libelo para Rodolfo Teófilo denunciar os horrores da migração. Ele expôs as condições desumanas as quais os migrantes eram submetidos durante o embarque e as dificuldades enfrentadas no local de destino. Esse posicionamento também foi tomado por outros membros da elite letrada fortalezense, como Antônio Sales e Joaquim Pimenta, e por jornais de oposição ao governo, como *O Cearense* e *O Retirante*. Ressaltamos que essa crítica também partia da preocupação, por parte da elite letrada, com a evasão da mão de obra necessária à lavoura em períodos de regularidade climática. Essas questões que envolvem a migração e as secas são bastante complexas e a escrita de Rodolfo Teófilo está carregada de intencionalidades que nos possibilitam perceber questões debatidas no período.

A seca de 1877 – que no romance provocou a primeira migração de João das Neves com sua família a Fortaleza – foi responsável por produzir uma onda de mais de 100 mil retirantes nessa cidade, números que quadruplicaram a sua população de

³ O termo paroara, que deu título à obra, refere-se ao cearense que deixava sua terra natal para trabalhar como seringueiro na Amazônia e retornava posteriormente.

25 mil habitantes, provocando um caos urbano, como mostra Frederico de Castro Neves em *A multidão e a história* (2000). O historiador, ao pesquisar sobre as iniciativas do governo em relação àquela multidão que demandava assistência, mostra que, para aliviar as tensões, os governantes acabavam por conceder passagens para outras províncias, principalmente as que estavam ao norte do país, tais como Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Com isso, o Estado pretendia livrar-se de um problema que parecia não ter solução em curto prazo.

Ressaltamos que, nas últimas décadas do século XIX, Fortaleza buscava se alinhar ao modelo civilizatório e ao caráter modernizante dos grandes centros econômicos capitalistas, a começar pela remodelação da cidade. Assim, a desordem que essa multidão adventícia exercia sobre os equipamentos urbanos “gera a percepção de uma desagregação da sociabilidade, ameaçada por hábitos, procedimentos e necessidade incompatíveis com os ditames da modernidade”. (NEVES, 2002, p. 87-88) Parte da população urbana se via incomodada, e até ameaçada, com a imagem de esqualidas criaturas pedindo esmolas e ocupando as ruas da capital. Nesse sentido, a migração também servia como “uma estratégia governamental para desafogar os equipamentos urbanos da enorme pressão exercida pelos milhares de retirantes sem tetos, sem alimento, sem saúde” (NEVES, 2000, p. 33).

Com a seca de 1898 (que serviu de pano de fundo à maior parte drama vivido por João das Neves), tornou-se ainda mais evidente a possibilidade de migrar para a Amazônia. Em um de seus livros de cunho histórico, o próprio Rodolfo Teófilo, que era contrário à migração, afirmou que sem essa onda migratória “teria morrido muita gente” (TEÓFILO, 1980, p. 38). O governo cearense, longe de propor uma solução para o problema, ficou em uma situação de impasse. Pois, se de um lado, considerava urgente desafogar os equipamentos urbanos, por outro lado, sofria pressão por parte dos produtores locais para que não permitisse a saída da mão de obra necessária ao trabalho nas lavouras (LACERDA, 2006, p. 138).

Ao expor seu posicionamento contrário à migração, Rodolfo Teófilo teceu ferrenhas críticas ao governo, por este não conseguir criar medidas que fossem capazes de sanar os problemas da seca e evitar a perda de um enorme contingente de mão de obra para outras províncias. Para esse intelectual, parte da solução consistia na construção de reservatórios de água, utilizando-se dessa mão de obra disponível.

De acordo com Franciane Lacerda, os migrantes poderiam adquirir as passagens por meios próprios ou financiadas pela União, pelo governo do Ceará, ou pelos donos dos lugares para onde os migrantes pretendiam seguir, como é o caso dos donos dos seringais que enviavam os agenciadores para fazer o traslado (LACERDA, 2006, p. 159). O romance de Rodolfo Teófilo revela que o financiamento por particulares submetia o migrante a uma situação de maior exploração, pois já chegavam endividados em seus destinos. Assim, ao invés de uma vida próspera como fora prometida por José Simão, os paroaras esbarraram numa enorme dívida, contraída desde o momento de partida, a qual não conseguiriam liquidar, pois tudo era vendido a preços exorbitantes.

Em *O Paroara*, a denúncia à situação vivida pelos migrantes ocorre desde o momento de embarque na capital cearense. O momento de partida, que já era muito difícil devido à sua natureza, tornava-se ainda mais doloroso pela forma como era feito. Em embarcações superlotadas, os sertanejos pobres eram amontoados na proa do navio, onde não tinham espaço nem para se deitar. Além desses inconvenientes, sofriam de fome e enjoo. Do barracão (centro administrativo do seringal), os paroaras eram encaminhados para o interior da floresta, onde viveriam isolados, correndo vários riscos, como ser atacados por tribos selvagens ou contrair doenças, tais como o paludismo. Tudo o que recebiam eram os instrumentos de trabalho, espingardas para se defenderem e os víveres, compostos unicamente por charque, feijão, café, farinha, açúcar e sal. Para mostrar como era a vida nos seringais, o narrador apresenta de forma dramática a história de Joaquim dos Cocos, um cearense que já vivia há dezoito anos naquela situação:

Contou-lhes os perigos e as misérias de toda a casta a que estavam sujeitos ali. Avaliassem por ele que trabalhava havia mais de dezoito anos e nunca tinha feito nada. Chegara no rio Juruá com a esposa, três filhos pequenos e seis companheiros de trabalho. Em menos de seis meses perdeu os filhos e os companheiros de febres, e a mulher um boliviano raptou-a à força d'arma e vivia metido com ela nas suas barbas.

Por esse começo de vida tirassem o que tinha padecido. Já não eram as maleitas que lhe davam um dia e outro não, o que mais o martirizava era ser obrigado a ser testemunha das poucas vergonhas da mulher sem poder vingar ou fugir para evitar a presença daquele escândalo. Duas vezes tentou evadir-se, mas em balde. Os mestres da lancha de parceria com o dono do barracão lhe negaram passagem. Isso não foi nada; avisaram ao patrão e ele foi surrado e metido no tronco oito dias. Três anos durou esse cativo horrível com toda a sorte de tormentos e vexações. Pôde então no fim desse tempo saldar a conta, na qual os juros representavam quatro vezes mais do que o capital. (TEÓFILO, 1974, p. 155)

De acordo com esse trecho, o endividamento dos paroaras que migravam financiados por donos de seringais tornava-se uma condição de escravidão, da qual só poderiam se libertar depois que liquidassem a dívida, quadruplicada pela cobrança de juros. Além dos juros exorbitantes, os trabalhadores eram enganados também na medição e na divisão da borracha. Enfim, eles foram colocados nessa narrativa numa condição de passividade diante das diversas formas de sujeição: “quase todos analfabetos, não reclamavam, e ai dos que erguessem a voz para protestar contra aqueles estelionatos” (TEÓFILO, 1974, p. 202).

Bruno Damasceno destaca que o posicionamento de tomar a tutela dos mais pobres e despossuídos, por parte da elite intelectual, faz parte de um projeto maior de disciplinamento dos corpos ancorado nas teorias científicas (DAMASCENO, 2018, p. 49-50). Rodolfo Teófilo, assim como boa parte da intelectualidade daquele período, considerava que a mestiçagem era um problema a ser superado e que a grande população pobre e mestiça, sem capacidade moral e intelectual de tomar decisões coerentes, deveria ter seus destinos guiados pelas luzes da ciência, da educação e do progresso. Nesse sentido, os sertanejos que optavam pela migração não possuíam consciência dos seus danos físicos, morais e econômicos, por isso deveriam ser educados e informados sobre os problemas que a envolviam.

Embebido em uma convicção de superioridade de homem branco, letrado e cidadão, Rodolfo Teófilo construiu, em seu romance, duas imagens sobre os sujeitos que migravam. Em uma dessas imagens os migrantes foram apresentados como vítimas das condições climáticas e na outra como aventureiros ambiciosos que largavam suas terras e famílias para tentar enriquecer em um lugar hostil: “Assim ia até Manaus onde lhe diziam haver lugar para todos. Uma cidade de aventureiros para onde se encaminham os que se viam sem pão e os ambiciosos” (TEÓFILO, 1974, p. 126).

Por meio desse discurso moralizador, o narrador propôs que os ambiciosos eram aqueles que, acometidos pela “febre de emigrar” (TEÓFILO, 1974, p. 131), se deslumbravam com as promessas de fortuna fácil. Essa febre de emigrar para a Amazônia era tão avassaladora que atingia os diferentes grupos sociais, até mesmo os homens cultos, os quais faziam de suas profissões um meio de enriquecer, o que provocou grande admiração ao narrador: “Pasmava ver em tão inóspitas e esquisitas paragens homens de uma certa cultura. A necessidade ou a ambição os arrastara até ali. Todos os ramos de conhecimentos humanos estavam mais ou menos

representados [...]” (TEÓFILO, 1974, p. 174). Entre os diferentes mercenários estavam mascates, homeopatas, médicos, dentistas, rábulas e engenheiros, entre outros. Todos interessados em beneficiar-se da exploração dos seringueiros.

Em convívio com os aventureiros e mercenários e sendo explorados por estes, também são apresentados os seringueiros cearenses, que em grande parte foram parar ali não em busca de aventuras e rápido enriquecimento, mas expatriados pela seca, em busca de sobrevivência. Esse é o caso de João das Neves, assim como Vasconcelos:

Não era a febre de emigrar, esta endemia do Ceará, que o havia atacado, mas a necessidade imperiosa de sair para não morrer de fome. O navio que o conduzia ia cheio de aventureiros que seguiam caminho do eldorado, mas também levava vítimas, com ele, que a miséria expatriava. (TEÓFILO, 1974, p. 131)

Ao acompanharmos a trajetória de João das Neves e sua luta pela sobrevivência contra as adversidades impostas pelo meio – a praga de borboletas que destruiu a plantação, a escassez de chuva e a dificuldade em obter alimentos – percebemos que a decisão de migrar para a Amazônia aparecia como a última alternativa de sobrevivência para muitos cearenses pobres. Como já afirmado antes, os sertanejos pobres foram colocados numa condição de passividade diante da ação esmagadora da seca.

Ressaltamos que a migração é um processo social complexo e que é movido por diversos interesses e propósitos. Sem considerar outros fatores, Rodolfo Teófilo reduziu um diversificado grupo social a duas categorias: os aventureiros ambiciosos e os famintos expulsos pela seca. Ao juntar o componente climático e determinista à propaganda realizada pelo paroara sobre o eldorado amazônico, estava justificada, para esse intelectual, a motivação para aqueles sertanejos abandonarem suas terras e famílias.

O determinismo racial como causa primária para a migração do povo cearense

Ao longo do romance, percebemos que vários estereótipos são atribuídos aos paroaras, que os definem como miseráveis, ignorantes, imprevidentes, fúteis e egoístas, como se os mesmos possuíssem um temperamento determinado e único. E tal temperamento estaria ancorado ao pertencimento racial daqueles sujeitos, em sua

maioria caboclos. Assim, para explicar aquela onda migratória e a falta de amor à terra natal, que fazia com que tantos cearenses migrassem para a Amazônia, sem pensar em suas consequências, o autor atribuiu ao que ele chamou de “nomadismo da raça vermelha”:

Sujeito às contingências da vida, como povo algum do mundo, o cearense não pode contar com o dia de amanhã; e raro é o solar que tem habitado a mesma família em algumas gerações. *O nomadismo da raça vermelha, transmitido por ativismo à população mestiça*, a qual constitui talvez quatro quintos dos habitantes do Ceará, é o fator principal do despovoamento da terra cearense. *Este instinto de vagabundagem inato no mestiço é alimentado por causas secundárias, entre as quais as secas.* (TEÓFILO, 1974, p. 100, grifos nossos)

Ao apontar o “instinto de vagabundagem inato aos mestiços” como o principal fator para o despovoamento do Ceará, o autor deu uma enorme credibilidade às crenças raciais e biológicas, sobrepondo-as aos fatores sociais e econômicos. Segundo a lei do atavismo, os indivíduos podem herdar características físicas e/ou psíquicas de seus ancestrais, as quais podem permanecer em estado latente durante toda a sua existência ou se manifestar por meio de estímulos externos. Desse modo, o nomadismo presente na “raça vermelha”, ou seja, nos indígenas, seria transmitido hereditariamente à população cabocla, que constituiria a maior parte da população cearense. A seca, que frequentemente é apresentada pela historiografia como a principal causa da migração no Ceará daquele período, apareceu apenas como um fator secundário, ou seja, um fator externo capaz de estimular aquilo que já é inato no indivíduo. Embora esse romance possua um forte teor de denúncia social, os problemas sociais e econômicos ganharam uma importância menor diante do peso exercido pelo fator biológico.

Para compreendermos melhor o peso que o fator racial exerceu sobre os personagens dessa obra, vejamos como João das Neves é descrito. Embora fosse descendente quase que exclusivamente dos indígenas e tivesse herdado o “espírito de vagabundagem” dessa raça, esse personagem também apresentava características que denunciavam a presença do elemento branco em sua constituição e que se manifestavam através de aspectos físicos e psíquicos:

As qualidades afetivas que o faziam entristecer perante as ruínas dos lugares onde passara a infância eram completamente desconhecidas na raça vermelha da qual ele quase exclusivamente descendia. Um caboclo com tão apurada sensibilidade moral, com nervos para sentir uma saudade, para chorar a separação de um amigo, seria um salto da natureza, que jamais viola as suas leis. Quem com alguns

conhecimentos de antropologia observasse detidamente o tipo de João das Neves havia de descobrir nele, embora meio apagados, vestígios de uma outra raça que não era a que predominava em suas formas e feições. [...]

A natureza havia sido grandemente pródiga e tão pródiga que não esquecera de dar a sua criação além de todas as *qualidades hereditárias algumas atávicas, físico-psíquicas*. Assim, *naquele caboclo entroncado, havia alguns traços que não eram do indígena brasileiro, era da raça branca*. O seu todo era de índio; mas descendo-se a um exame apurado, aos detalhes, via-se que a cor-de-cobre de sua pele era um pouco mais desmaiada do que a do caboclo verdadeiro; os seus olhos mais rasgados, menos oblíquos e com o íris de um castanho quase negro; os cabelos, embora de um preto intenso, corridos, não eram tão duros como os tapuia e no rosto havia barba, falhada é verdade, mas ocupando todo o sítio peloso das faces.

O elemento branco se denunciava nestes pequenos detalhes, porém mais se acentuava na forma e tamanho das mãos e na desigualdade dos dedos.

A estas manifestações da raça branca comprovando a lei do atavismo, se juntavam outras psíquicas de não menos valor: João das Neves tinha alma afetiva, era capaz de amar.

Tinha outros nervos que não tem o selvagem, que ama os pais somente enquanto precisam deles. (TEÓFILO, 1974, p. 27-28, grifos nossos)

Embora seja extensa, essa citação é fundamental para compreendermos como a mestiçagem do povo cearense era pensada por Rodolfo Teófilo. Ela mostra que, mesmo João das Neves descendendo quase que exclusivamente de indígenas, esse caboclo apresentava alguns traços físicos da raça branca, os quais se pronunciavam em discretos detalhes. E esses pequenos detalhes não poderiam ser detectados por qualquer pessoa, apenas por alguém que detivesse alguns conhecimentos de antropologia. Assim, Rodolfo Teófilo estabelece uma estreita correspondência das características fisionômicas e faciais desse personagem com as raças que lhe deram origem. Ainda que João das Neves tenha herdado dos indígenas o desapego que o fizera migrar para a Amazônia, ele também possuía qualidades afetivas que o fizeram retornar à sua terra natal e que eram completamente desconhecidas nessa raça tida como inferior. Ele herdara da outra raça uma apurada sensibilidade moral que o tornava capaz de sentir saudade e de chorar.

Embora boa parte da narrativa dessa obra seja dedicada à luta do sertanejo contra a seca e as adversidades encontradas na Amazônia, o fator racial se sobrepõe aos demais para explicar aquele fenômeno. Isso mostra o peso do pensamento racial nos escritos de Rodolfo Teófilo e, especificamente nessa obra, o determinismo racial se sobrepõe a qualquer outro tipo de determinismo. Isso fica ainda mais nítido quando o narrador mostra que o que levou João das Neves a retornar para sua terra natal foi o sentimento de remorso por ter abandonado a família. Se, por um lado, foi o nomadismo herdado da raça vermelha que o fez abandonar a família e a terra, por outro lado, o que o levou a retornar foi a presença de uma alma afetiva herdada da

raça branca. Isso demonstra um temperamento bastante instável, próprio dos mestiços, segundo o pensamento racista.

O desfecho da obra mostra o retorno de João das Neves e a comprovação da vitória do meio sobre os paroaras: “Depois de dois anos no Amazonas, de duas safras de borracha, voltava ele doente e desiludido da fama do eldorado” (TEÓFILO, 1974, p. 220). Escrito de forma bastante trágica, esse desenlace não possui um final feliz como em *A Fome*. Enquanto neste romance o protagonista Manuel de Freitas (um fazendeiro branco) conseguiu vencer as adversidades impostas pela seca e manter a integridade física e moral de sua família, em *O Paroara*, o protagonista João das Neves (pobre e mestiço), ao retornar, debilitado e desiludido, se deparou com a perda dos filhos e da esposa, todos sucumbidos pela fome. Vejamos a carga de dramaticidade utilizada pelo autor ao escrever o último parágrafo do romance:

João das Neves ficara derribado num acesso de maleitas, num apavorante abandono, naquela vivenda solitária, em companhia dos fantasmas que o remorso criava para castigá-lo. O paludismo foi o único provento que tirara do Amazonas e que o flagelaria o resto da vida, de parceria com a pungente mágoa que nele havia produzido as últimas palavras da esposa, grande mártir do amor e do dever. Nunca mais deixaria de ouvir estas inolvidáveis e terríveis palavras – *morreram todos de fome*. (TEÓFILO, 1974, p. 236, grifo do autor)

Sob um viés moralista, Rodolfo Teófilo caracterizou Chiquinha como uma grande mártir do amor e do dever que, durante a ausência do esposo, resistiu às investidas de outro homem e, mesmo definhando com os sintomas da fome e da tuberculose, lutou até o fim para conseguir algum alimento para os filhos. “Já muito física, quase desprezível múmia, a se desmanchar em pus e a curtir febre todas as tardes, andava como uma alma penada pela floresta procurando com que alimentar os filhos” (TEÓFILO, 1974, p. 237). Pelo mesmo viés moralista, o autor reservou um desfecho de dor e remorso para João das Neves, como forma de punição pelo ato imprudente de ter migrado e abandonado a família. Aliado a esse viés moralista e de denúncia, o desenlace do romance, totalmente diferente daquele apresentado na obra *A Fome*, foi a comprovação de que as adversidades do meio levavam à sobrevivência apenas dos mais aptos – ou seja, a raça branca.

Considerações finais

Entre os vários aspectos que foram emergindo nas análises do romance *O Paroara*, a questão racial se sobressaiu com grande intensidade. Vimos que a

miscigenação da população brasileira era uma das questões mais discutidas no campo intelectual brasileiro no final do século XIX. Rodolfo Teófilo, por meio de sua “literatura nativista”, elaborou uma compreensão bem original sobre a especificidade racial do povo cearense, que seria constituído, predominantemente, por caboclos, resultado da mistura entre brancos e indígenas.

Rodolfo Teófilo não deixou de enfatizar que os sertanejos cearenses estavam expostos às contingências do meio, como as secas e as migrações. Ao tratar de temas tão delicados, o seu romance apresentou um forte teor de denúncia social. Porém, ele acabou superestimando o fator fisiológico e diferentes tipos de determinismos para explicar esses fenômenos. Ao explicar os fatores que ocasionaram o fenômeno das migrações, Teófilo radicalizou em suas concepções raciais e sobrepôs o determinismo racial a qualquer outra explicação. Até mesmo a seca, o problema mais discutido em toda sua literatura, foi colocado como um fator secundário. Nesse sentido, concluímos que o determinismo racial foi a concepção que teve maior peso na escrita de *O Paroara*, ao elaborar uma visão sobre os cearenses que migravam para a Amazônia. Por fim, o desfecho trágico construído para o protagonista da obra analisada demonstra a crença de que as adversidades do meio levavam à sobrevivência apenas dos mais aptos, ou seja, a raça branca. E que por ser superior, caberia a esta raça tomar as rédeas do destino do restante da população.

De um modo geral, podemos inferir que o romance de Rodolfo Teófilo contribuiu para a construção de uma imagem que se cristalizou, até mesmo na historiografia, sobre os motivos que ocasionavam a migração dos cearenses para a Amazônia. Tal perspectiva coloca os migrantes cearenses numa situação de passividade, como se eles fossem apenas vítimas do fatalismo e das forças deterministas, enxotados pela seca ou ludibriados pela imagem de um eldorado amazônico.

Sem diminuir a importância da seca ou da demanda dos seringais para o processo de migração, é preciso considerar que as questões que envolvem esse fenômeno social são bem mais complexas. Algumas pesquisas mais recentes, ao sair desse lugar comum, têm apresentado outras dimensões do processo (BARBOZA, 2015; CARDOSO, 2014; LACERDA, 2006). Essas pesquisas nos levam a perceber as diferentes faces da migração e que foram múltiplas as experiências compartilhadas por aqueles sujeitos sociais, retirando-os da condição de passividade e colocando-os também como protagonistas de suas próprias vidas.

Referências

- BARBOZA, E. H. L. Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 131-155, jan. 2015.
- CARDOSO, A. A. I. As secas e as migrações entre o Ceará e o Território Amazônico (1845-1877). *Revista Espacialidades*, v. 7, n. 1, p. 34-46, jan. 2014.
- DAMASCENO, B. de B. *Rodolfo Teófilo e a migração cearense para a Amazônia na passagem dos séculos XIX e XX*. 2018. 107f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.
- LACERDA, F. G. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- NEVES, F. de C. A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900). In: SOUZA, S.; NEVES, F. de C. (Orgs.). *Seca*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 75-104.
- NEVES, F. de C. *A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PINHEIRO, C. R. *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista*. 2011. 201 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- REUTER, Y. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, qual romance: uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- TEÓFILO, R. *A Fome*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1979.
- TEÓFILO, R. *A seca de 1915*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- TEÓFILO, R. *Maria Rita: episódios do Ceará colonial*. Fortaleza: Typ. Universal, 1897.
- TEÓFILO, R. *Os meus zoilos*. Fortaleza: Tipografia de Carlos Jataí, 1924.
- TEÓFILO, R. *O Paroara*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974.

TEÓFILO, R. *Os Brilhantes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972.

Recebido em: 28/02/2021
Aprovado em: 24/03/2021